

ATIVIDADES REALIZADAS NA BACIA DO RIO TEJO, NO ALTO JURUÁ E
NO RIO BAGÉ - Projeto de Pesquisa Científica

Mariana Pantoja Franco

Um conjunto de reuniões realizadas na bacia do rio Tejo, Bagé e no alto Juruá constituiu minha principal atividade como pesquisadora do Projeto de Pesquisa Científica, em implantação na Reserva Extrativista do Alto Juruá, nos meses de maio e junho. O esforço foi no sentido de ter uma geral e preliminar radiografia e diagnóstico do "estado da arte" com relação à organização comunitária hoje na Reserva.

Através de reuniões nas "comunidades", buscou-se discutir com os moradores e seus representantes de base ("fiscais de base") temas referentes à vida na Reserva, com ênfase na questão dos títulos de concessão de uso e no Plano de Uso. Outros temas, como cooperativas, saúde, escola, borracha etc também foram recorrentes. A identificação desta "pauta local", no contexto de implantação da Reserva, visa munir o Projeto de subsídios para o planejamento futuro de suas atividades, bem como auxiliar a ASAREAJ e a Regional do CNS em seu trabalho de organização comunitária.

Essas reuniões constituíram-se em oportunidade para esclarecer os moradores sobre o destino do cadastramento realizado em 1991, os títulos de concessão de uso e o plano de uso da Reserva, acolhendo suas dúvidas e recolhendo suas opiniões. A dinâmica das reuniões, em geral, obedeceu ao seguinte roteiro: breve explicação sobre o Projeto de Pesquisa; esclarecimento, com o uso da lista de moradores cadastrados e dos mapas com as "colocações", sobre o destino do cadastramento; explicação de como provavelmente funcionarão os títulos de concessão de uso (garantia do direito de moradia e de trabalho e obrigatoriedade dos moradores zelarem por suas "colocações" e pela Reserva); leitura pausada e mediada por exemplos do Plano de Uso; e algumas palavras sobre o papel e importância dos "fiscais de base"/Comissão de Base. Neste sentido, em algumas localidades foi possível identificar/criar "comunidades", formando novas Comissões de Base, necessidade já discutida com a ASAREAJ e a Regional do CNS.

Formou a equipe de viagem: Mariana Pantoja Franco (socióloga da Base de Pesquisa Científica), Milton Gomes da Conceição (vice-presidente da ASAREAJ) e Dondi (piloto do Projeto de Pesquisa Científica).

Foi o seguinte o calendário, local e número de participantes das reuniões:

- 13/05 - Boa Vista, rio Tejo
23 adultos e 14 "infantil"
- 16/05 - Boa Vista, rio Tejo
17 adultos e 21 "infantil"
Eleição de Comissão de Base
- 19/05 - Cajueiro, igarapé Manteiga
4 adultos
- 21/05 - Caponga, igarapé Manteiga
21 adultos e 7 "infantil"
- 23/05 - Santa Cruz, Paranã do Machadinho
13 adultos
- 23/05 - Boca do Machadinho
27 pessoas
- 26/05 - Duas Bocas, igarapé Dourado
5 adultos e 2 "infantil"
- 27/05 - sede do Maranguape, rio Tejo
18 adultos
- 28/05 - Prainha, rio Tejo
10 adultos
Eleição de Comissão de Base
- 29/05 - Alegria, rio Tejo
8 adultos
- 30/05 - Boca do Bagé
14 adultos
- 31/05 - Nova Vida, rio Tejo
17 adultos
Eleição de Comissão de Base
- 05/06 - Foz do Breu
14 adultos
- 06/06 - Pedra Pintada, rio Juruá
20 adultos e 15 "infantil"
Eleição de Comissão de Base
- 06/06 - Foz do Caipora
16 adultos

- 07/06 - Fazenda Paraguai, rio Juruá
19 pessoas
Eleição de Comissão de Base
- 09/06 - Depósito, ig. São João do Breu
36 adultos
Reeleição de Comissão de Base
- 10/06 - Foz do Acuriá (Posto de Saúde)
14 adultos
- 13/06 - Campos Eliseos, rio Bagé
19 adultos
Reeleição de Comissão de Base
- 15 e 16/06 - Seringueirinha, rio Bagé
Conversas individuais c/ "fiscais de base"

BREVE AVALIAÇÃO:

É possível afirmar que a partir dessa atividade do Projeto, algumas pistas foram sugeridas para a continuidade do trabalho de pesquisa e assessoria a ASAREAJ.

Houve reuniões em que foi possível verificar um real e forte interesse dos ouvintes, da "comunidade", em que ouvia-se informações novas e havia uma certa consciência de que as mesmas eram importantes. Por outro lado, atenção nem sempre significou necessariamente entendimento. *Neste sentido, para a continuidade do trabalho do Projeto, recomenda-se que ele não fique restrito à realização de reuniões, que envolva acompanhamentos mais cotidianos das "comunidades".* A participação ativa numa reunião parece não ser muito comum, há um misto de timidez para perguntar, uma certa não-familiaridade com o tipo de espaço proporcionado por uma reunião. Muitas vezes os participantes preferiam tecer comentários avaliativos e indagativos após terminadas as reuniões. *Assim, esses espaços extra-reuniões merecem ser relevados e investigados, pois são, em alguma medida, formadores de opinião. É neles que o conhecido "fuxico" - mais do que fofoca, meio de comunicação e divulgação de versões - opera.*

Há que se considerar também possíveis oposições entre os participantes das reuniões, veladas durante a realização das mesmas, mas explicitadas após o seu término. *Neste sentido, seria interessante, para um melhor acompanhamento da legitimidade das formas de representação constituídas pelas Comissões de Base e seus "fiscais de base", que o Projeto reafirmasse a necessidade de estadias mais prolongadas nas "comunidades". Seria assim possível mapear o leque de relações sociais envolvidas no funcionamento dessas Comissões e na atuação dos "fiscais de base", bem como possuir melhores critérios para avaliar a sua capacidade de*

encaminhar satisfatoriamente "questões" existentes entre os moradores.

Sobre os critérios a adotar para eleger as "comunidades" alvo desse acompanhamento, penso que seja o caso de se pensar mais estrategicamente, ou seja, elencar "comunidades" que possam eventualmente ter um potencial irradiador para outras; onde existam lideranças minimamente constituídas; além de eleger "comunidades" que permitam contemplar a diversidade existente dentro da Reserva (ex: Tejo X Juruá). É claro que "comunidades" sobre as quais já se possua algum trabalho acumulado (pesquisa, assessoria) devem ser alvo de acompanhamento. Mas vale considerar que em algumas (novas) "comunidades" realizamos boas reuniões, com boa participação e interesse, cujo acompanhamento futuro também pode ser frutífero e revelador (Boa Vista, Frainha, São João).

Como é possível verificar na lista de reuniões realizadas, houve casos em que o número de participantes foi bastante reduzido (Cajueiro e Duas Bocas), o que deveu-se a inúmeros fatores: desinteresse, um certo cansaço de "reuniões", mensagens erradas etc. Se houve alguma vantagem nessas reuniões *petit comité*, foi justamente a proximidade e intimidade maior entre nós e os participantes, que sentiram-se mais à vontade para expor suas dúvidas e discordâncias. É preciso esclarecer também que nem sempre reuniões concorridas foram sinônimo de atenção. Houve casos de grande dispersão (Caponga), em que poucos foram os ouvintes realmente atentos do início ao fim. Os motivos também foram vários, desde o desinteresse da maioria (Maranguape) ao interesse em discutir outros temas. No Breu, por exemplo, houve um misto de interesse e atenção aos temas da reunião, mas um ponto - caçada comercial - catalizou fortes comentários das lideranças locais, impedindo mesmo que o Plano de uso fosse lido em sua totalidade.

Ainda sobre a metodologia de reuniões, pode-se dizer que embora ela tenha falhas - não atinge todos, absorção desigual das informações pelos presentes, a passagem rápida pela "comunidade" e a perda do que rola extra-reunião -, a sistemática de reuniões parece ter permitido um contato dos moradores, muitas vezes pela primeira vez, com temas de relevância hoje para a Reserva, com a pesquisadora e com o Projeto, já que foi sempre dado um esclarecimento sobre o mesmo no início de cada reunião. Se o fuxico realmente rola, as notícias tenderão se espalhar, o que pode facilitar (dificultar?) futuras visitas.

Um último ponto sobre a dinâmica de reuniões na Reserva, além da participação ser diferencial entre os presentes, houve sempre momentos da reunião em que ela parecia ter sido interrompida e casos ilustrativos sobre os temas em discussão tinham lugar. Esta dinâmica é recorrente, e se por vezes atrasa e dificulta uma certa linearidade nas discussões, é reveladora dos acontecimentos relevantes para aquela "comunidade".

Mais pessoalmente falando, essa primeira viagem teve a vantagem de me por em contato com um universo bastante

diferenciado de pessoas e situações; permitiu uma visão mais geral, embora não completa, da Reserva e das questões que hoje catalizam a atenção dos moradores. Avalio que a dobradinha com Seu Milton foi boa e funcionou. As informações que iam passando se complementavam, embora creia que em alguns momentos ele pode ter deixado de dizer coisas importantes, ou mesmo me corrigir, por um respeito a mim, e pela viagem, no seu dizer, "ser minha". Por outro lado, sua tranquilidade foi fundamental para temperar minha ansiedade. Avalio ainda que a comunicação estabelecida com a população foi positiva, houve empatia, embora não controle totalmente a apropriação que pode ter sido feita de minha identidade. Mas, de maneira geral, creio que consegui me fazer entender; procurei aos poucos ir incorporando o dialeto e exemplos nativos. O exemplo da foz do Bagé, onde chegamos em cima da hora para a reunião, nos mostrou ainda que é absolutamente necessário, em caso de reunião, chegar com um mínimo de antecedência ao local, horas e, se possível, dias, pois este tempo permite um mapeamento prévio das posições e questões.

A SEGUNDA VIAGEM

Entre os dias 16 de julho e 14 de agosto tive oportunidade de retornar à Reserva. Desta vez o objetivo era, sob a coordenação do Prof. Mauro Almeida, a atualização do levantamento sócio-econômico já realizado em 1991. Embora a pesquisa fosse um trabalho solicitado pelo IBAMA/CNPT, com vistas a aplicação de recursos do BIRD na Reserva, o tema - como vive o morador da Reserva, em que trabalha, o que planta, o que compra, quanto custa etc - também é de interesse para o Projeto de Pesquisa.

Assim que chegamos à área nos dividimos da seguinte forma: Mauro e Chico percorreram os igarapés Manteiga e Riozinho, e eu o Tejo, da Restauração até a boca do Bagé, passando então 4 dias percorrendo este último. No final de julho nos encontrávamos todos na foz do Tejo, quando o restante da equipe (Virgínia, Luiz e Loro) chegou. Lá procedemos à aprimoração do questionário a ser aplicado e ao treinamento da equipe, para o que contamos ainda com a ajuda de Macedo, Dolor e outros moradores da Reserva que na foz do Tejo se encontravam.

Nos dias 1 e 2 de agosto, participamos da primeira reunião da Diretoria da ASAREAJ, sendo que Mauro, Macedo, Luiz e eu atuamos na assessoria às discussões nesta oportunidade feitas. Evitando agora estender-me sobre o conteúdo dessas discussões, registro aqui as decisões de maior relevância na oportunidade tomadas: 1. avaliou-se que a ASAREAJ tem investido de forma insuficiente no trabalho de organização comunitária, e que precisa sanar esta deficiência; 2. foi assinado uma resolução afirmando a autonomia da ASAREAJ como entidade; 3. o presidente, Dolor, renunciou ao cargo; e 4. o vice-presidente, Milton Gomes da Conceição assumiu a presidência da ASAREAJ. Todas essas

decisões implicarão em muita responsabilidade e muito trabalho por parte da Diretoria, lideranças e assessores. Neste sentido, os últimos dias têm sido dedicados, em Cruzeiro do Sul, a agendar (com datas, locais e responsáveis) os encaminhamentos da reunião de 1 e 2 de agosto. Têm participado dessas reuniões: Seu Milton, Pedrinho, Virgínia, Macedo, Luiz e eu, além de algumas presenças flutuantes. É para essas atividades, cujo objetivo é o incremento da organização comunitária de base, que a ASAREAJ espera destinar os recursos de que o Projeto dispõe para apoio institucional.

TEMAS SOBRE OS QUAIS JÁ HÁ MATERIAL ACUMULADO

Do ponto de vista da parte do Projeto em que estarei mais ativamente pesquisando (a idéia de sustentabilidade do ponto de vista sócio-econômico), há já um conjunto de dados, informações e indicações acumuladas, seja através de anotações ou de gravações; de observações registradas e entrevistas realizadas; situações/casos documentados; e há já um vasto material fotográfico (sendo este de propriedade da pesquisadora, pois custeado com recursos próprios). Alerto que as considerações a seguir são preliminares e foram redigidas sem o tempo necessário para rever o material de pesquisa já recolhido.

1. Títulos de Concessão de Uso e a noção de propriedade:

Os moradores da Reserva preparam-se para receber seus títulos de concessão de uso. Foi explicado nas reuniões que os mesmos não significam propriedade sobre a terra, no sentido de poder comercializá-la, mas sim o usufruto dos recursos naturais nas colocações e na Reserva existentes. É o reconhecimento do direito de morar e trabalhar, desde que respeitadas as normas presentes no Plano de Uso. Essas normas dispõem sobre a exploração dos recursos naturais e sobre a atividade agropecuária, e sua infração pode, dependendo da gravidade da mesma, acarretar a perda do título de concessão de uso.

Os títulos de concessão de uso, mesmo que não caracterizem juridicamente uma propriedade, estão/vão criando uma noção "do que é meu", "do que eu sou dono", que me parece nova. Antes era o "patrão" o dono. Depois teria vindo uma época de anunciação: cooperativas, mercadorias, assembléias, cadastramento. Agora, com Plano de Uso, a vinda dos títulos e a maior presença do IBAMA, uma nova ordem pode estar se estabelecendo. A noção de propriedade então comporta elementos como a posse e a preservação, além da idéia de um patrimônio que é coletivo: o morador é um fiscal de sua colocação e da dos demais, como reza o Plano de Uso. Uma singular combinação entre o público e o privado; o individual e o coletivo.

Por exemplo: Pedrinho diz que não vai querer ninguém caçando uma paca em sua "colocação" quando ele mesmo poderia

caça-la no dia seguinte. Ora, aqui não importa se a paca vai estar ou não na colocação no dia seguinte, mas a noção de um domínio familiar invadido, de infração e de prejuízo alheio. A caça é um assunto da ordem do dia hoje na Reserva, e muitos se queixam de seus vizinhos caçando em suas estradas, em especial daqueles que o fazem com cachorros. Se sentem injustamente prejudicados, pois a caça (e o cachorro), que não conhece fronteiras entre as "colocações", tenderá a progressivamente se afastar.

2. Plano de Uso e "questões":

É quase impossível andar pela Reserva sem ouvir falar, ou entrar em contato direto, com moradores com "questões" uns com os outros. São conflitos em torno de caçada com cachorro, invasão de plantações por animais de criação, pesca com o uso de mangas etc. As "questões", de maior ou menor gravidade e consequências, colocam a ASAREAJ o desafio de afirmar sua autoridade como entidade responsável pelo cumprimento do Plano de Uso. Para tal, precisa do apoio de órgãos, como o IBAMA, que lhe deleguem também poder de punição dos infratores.

Em fevereiro de 1992, foram criadas Comissões de Base, cujos seus componentes, conhecidos como "fiscais de base", tem entre suas atribuições a de fiscalizar o cumprimento do Plano de Uso. Embora seja possível encontrar muitos "fiscais" que realmente esforçam-se para cumprir o que lhes foi delegado, muitos outros se queixam de que é necessário algum tipo de documento que os distinga em sua função. É possível ainda ouvir, de "fiscais" e não-"fiscais", a reivindicação de punições exemplares e vexatórias, a necessidade de uma "justiça carrasca". Segundo eles, se assim não for, o Plano não tem chance de ser cumprido.

É uma afirmação dramática. Creio que ela encerra, na verdade, e retornando a afirmação inicial, uma reivindicação dos moradores a sua associação: de que ela institua e faça valer sua autoridade na Reserva. No entanto, para talé preciso não esquecer que, por ser uma área também de preservação ambiental, o apoio do IBAMA é fundamental.

3. Lideranças e redes de relações internas:

Chamou-me muito atenção as críticas e elogios que ouvia sobre uma mesma pessoa de interlocutores diferentes. Assim, um "fiscal de base" podia ser tanto muito bom e honesto, como um grande caçador (com cachorros); um gerente podia ser, para uns, um "comedor" de mercadorias e, para outros, muito honesto. Mais do que intrigas ou fuxicos, esse fenômeno alertou-me para atentar para as redes sociais nas quais essas lideranças se movem, as redes da onde provém e até onde essas redes são determinadoras de sua legitimidade e da eficácia de sua atuação. É uma questão, a ser melhor investigada. Me parece que a primeira coisa a checar são as redes de parentesco existentes nas Reserva. Até que ponto,

por exemplo, elas se superpõe às "comunidades"? Como primeiro passo, tenho procurado fazer genealogias que indiquem graus de parentesco, por exemplo, entre "fiscais de base" e entre eles e as "comunidades" que representam. Outra pista é a declaração de muitos possíveis candidatos a "fiscais" que declinavam da oportunidade alegando não querer inimizades com seus vizinhos.

4. A Associação e as cooperativas:

Há uma declaração hoje muito ouvida na Reserva: "o movimento acabou". A estadia mais prolongada na área e a investigação do real significado desta frase me fez ver que, ao contrário do inicialmente supusera, não se tratava do "movimento social", mas sim do movimento contábil de mercadorias e de borracha. A ASAREAJ, para muitos, mais do que uma entidade de representação, é (foi) a presença de mercadorias a serem trocadas por borracha. Como a administração das cooperativas, até o momento, foi bastante falha (embora só um levantamento mais minucioso possa revelar o que de fato ocorreu), a ASAREAJ acaba por ser negativamente avaliada. Sua legitimidade se vê comprometida pelo volume de mercadorias vendidas e de borracha arrecadada, pela atuação dos "gerentes comunitários" e do gerente-geral (vendendo ou não fiado, "comendo" a mercadoria, dando ou não "assistência" à sua "freguesia") e pelas irregularidades que possam ou não ter ocorrido na venda da borracha arrecadada.

5. Dicionário:

Finalmente, durante este período na área foi possível recolher o significado de uma infinidade de palavras e expressões locais, dando início a constituição de um pequeno "dicionário do seringueiro".

Nota

(1) O termo "comunidades" aqui refere-se a unidades geográficas e sociais correspondentes ou a um seringal, ou a um conjunto de "colocações" vizinhas, ou mesmo a um grupo de parentesco, e que são também unidades de representação local dos moradores, ou seja, onde tenham sido constituídas Comissões de Base.

SITUAÇÃO ATUAL DAS COMISSÕES DE BASE: (* = "comunidade"
visitada)

Machadinho*: Sérgio Ribeiro dos Santos - foz do Machadinho
José de Luna - coloc. Santa Cruz
Sebastião de Luna - coloc. Paraíso

Alto Tejo: Amauri Garcia - coloc. Vitória

Boa Vista*: Antonio Caxixa
Zé Caxixa - coloc. Formiga
Mariano Mendes - coloc. Formiga

Riozinho: Cláudio Félix

Manteiga*: Assis Avelino - foz do Manteiga
Leonardo S. do Nascimento (Leon) - colc. Cajueiro
Osvaldo E. de Holanda - coloc. Caponga

Dourado*: José Lopes - coloc. Cachoeira do Lago
Raimundo Capelão - coloc. Duas Bocas
Antonio Meruoca - coloc. Espanha

Maranguape*: Alfredo G. P. da Silva - coloc. Boca do Oito
José Bandeira - coloc. Boca do Oito
José Francisco - coloc. Boca do Oito

Prainha*: Esterlito Calixto da Cunha
Edilon Calixto da Cunha
Jorge F. do Nascimento - coloc. Chico Raimundo
João Cunha (suplente)

Nova Vida*: Zildo B. da Silva
Cláudio Ferreira - coloc. Nova Vida
Zé Moreno - coloc. Nova Vida
Mário Dias (suplente)
Antonio Moreno (suplente) - Coloc. Nova Vida

Foz do Bagé*: Sebastião Grajaú - coloc. Centrinho
Sebastião Estevão - coloc.
Eleotério P. de Souza (Léo) - coloc. Cachoeira
Imar Nascimento (suplente)
Zilma J. de Souza (suplente)

Foz do Tejo: Francisco Chaves da Silva (Quim) - Estirão
Delcide da Silva - coloc. foz do Tejo

Foz do Arara/Amônia: Antonio Baixinho - coloc. Quieto
Ocir T. Rodrigues
Antonio C. Moreira - Arara
Sebastião F. Lima (suplente)
Antonia Mariano da Silva (suplente)

Foz do Acuriá*: José Gabriel - foz do Acuriá
Vitorino F. Moura - coloc. Cachoeira Redonda

Foz do São João*: José Paraguá - coloc.
Francisco Wilson (Preto)
Sebastião (Tonta)
Leomar Nunes Cabral (Leó) (suplente)

São João do Breu*: João Aranha - coloc. Palheira
João Bolde - coloc. Morada Nova
Margarida - coloc. Depósito
Domitílio (suplente) - coloc. Palheira
Zé Cordeiro (suplente) - coloc. Depósito
José Gomes (suplente) - coloc. Fortaleza

Foz do Caipora*: José Rubens Pinheiro - coloc. foz do
Caipora
Nilo Faustino Pinheiro - coloc. Uricuri
Francisco M. de Oliveira (Bia) - coloc. foz
do Caipora
José Paraguai (suplente) - coloc. foz do
Caipora

Pedra Pintada*: Maria Adriana
Maria Genilza
Manuel Torquato
Manuel Alberci (suplente)

Foz do Breu*: José Ida Rodrigues - coloc. foz do Breu
Maurício R. da Silva - coloc. foz do Breu
Sílvio Rodrigues da Silva - coloc. Orfê